

PERFIL

Vítimas do carlismo têm vidas marcadas para sempre

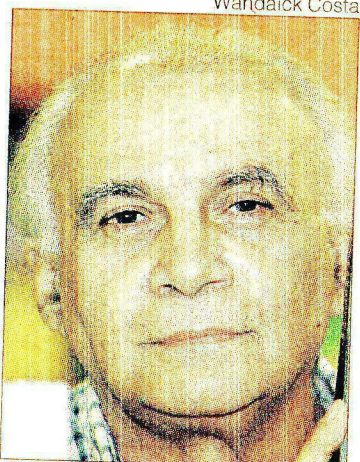
Para jornalista e advogado, possível cassação ou renúncia têm significado especial

Wandaick Costa

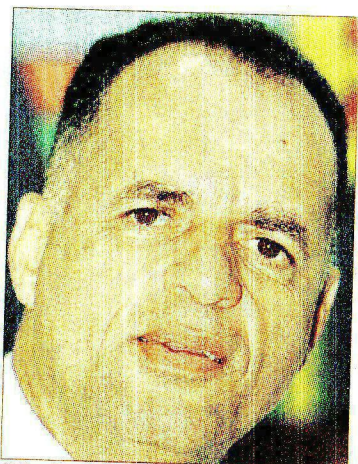
Uma possível cassação ou renúncia do senador Antonio Carlos Magalhães terá significado especial para um jornalista e um advogado, que tiveram suas vidas abaladas pelo carlismo ou por tudo aquilo que esse sistema representou. Nem mesmo se quisessem, o jornalista João Carlos Teixeira Gomes, de 63 anos, e o advogado Carlos Mariguella, de 53 anos, conseguiriam ficar indiferentes. João Carlos, ou Joca, foi perseguido durante toda a ditadura por ACM. Na mesma época, em 1969, Mariguella perdeu o pai, o guerrilheiro Carlos Mariguella, assassinado por policiais em São Paulo.

“Como Pinochet, ACM é um símbolo de poder que foi construído nesse período autoritário e a decadência deles tem um significado muito especial”, avalia Mariguella, ex-deputado estadual (1982-1986) e hoje um advogado trabalhista em Salvador e membro da Comissão de Direitos Humanos da OAB. “Esse é um momento histórico por tudo aquilo que eles representaram e meu pai sempre combateu”, disse, um dia depois de ajudar a libertar estudantes presos no protesto contra o senador.

Desde 1948, ano do seu nascimento no Rio, Carlinhos, como é mais conhecido, convive com as agruras do autoritarismo. Vítima da ditadura do Estado Novo, seu pai, deputado constituinte, precisou se refugiar na clandestinidade. “Fui para Sal-



Joca: ‘Uma disfunção psíquica’



Mariguella: ‘Símbolo de poder’

JORNALISTA
IRONIZOU
ACM EM
DEDICATÓRIA

vador com minha mãe e só fui conhecer meu pai com 7 anos”, recorda. “Fiquei com ele até 1964, quando outra ditadura nos separou e eu voltei para a Bahia.”

Do pai, ele só guarda boas lembranças: “Era um grande sujeito, que só foi para a luta armada porque, ao contrário da maioria, estava convencido de que a ditadura tinha vindo para ficar.” Além de perder o pai, Carlinhos chegou a ser preso, entre 1975 e 1977, quando era correspondente do

jornal A Voz Sindical. Depois de não conseguir reeleger-se em 1986, resolveu seguir os conselhos da mãe e se dedicar ao Direito. Mesmo afastado da política partidária, acompanha com grande interesse os rumos do carlismo. “A derrota de ACM vai encorajar muitas pessoas que hoje o apóiam mais por medo do que por admiração.”

Esta também é a convicção de Joca, que entre 1969 e 1975, no *Jornal da Bahia*, sofreu com o carlismo. “A Bahia toda está doída para se ver livre desse homem”, acredita o autor do livro *Memória das Trevas*. “Ele é um doente, tem uma disfunção psíquica, uma tirania muito pior que a dos militares”, desabafa.

Histórias – No livro, de 765 páginas, o jornalista conta várias histórias de opressão do carlismo, mas algumas chegam a ser engraçadas. “Uma vez ele me ligou dizendo que era o Ataíde e pediu para antecipar que matérias publicaríamos no dia seguinte contra o governador.”

Em outra ocasião, ACM mandou um assessor pedir um autógrafo do escritor, que lançava um livro sobre o cineasta Glauber Rocha. “Fiquei no drama, mas não queria estragar o momento e fiz uma dedicatória assim: Senador, a vida de Glauber foi um exemplo de fidelidade democrática e convivência plural.” Algum tempo depois, ACM declarou que Joca tinha até lhe oferecido uma dedicatória. “O ACM não percebeu que aquilo não era uma dedicatória, mas um recado por tudo aquilo que ele nunca praticou.”

Por essas e outras, Joca festeja a derrota do rival, mas não esconde uma ponta de preocupação. “Se esse cara renunciar ou for cassado, vou morar no Rio. Ele vai tornar minha vida um inferno e já estou velho demais para isso.” (Silvio Bressan)